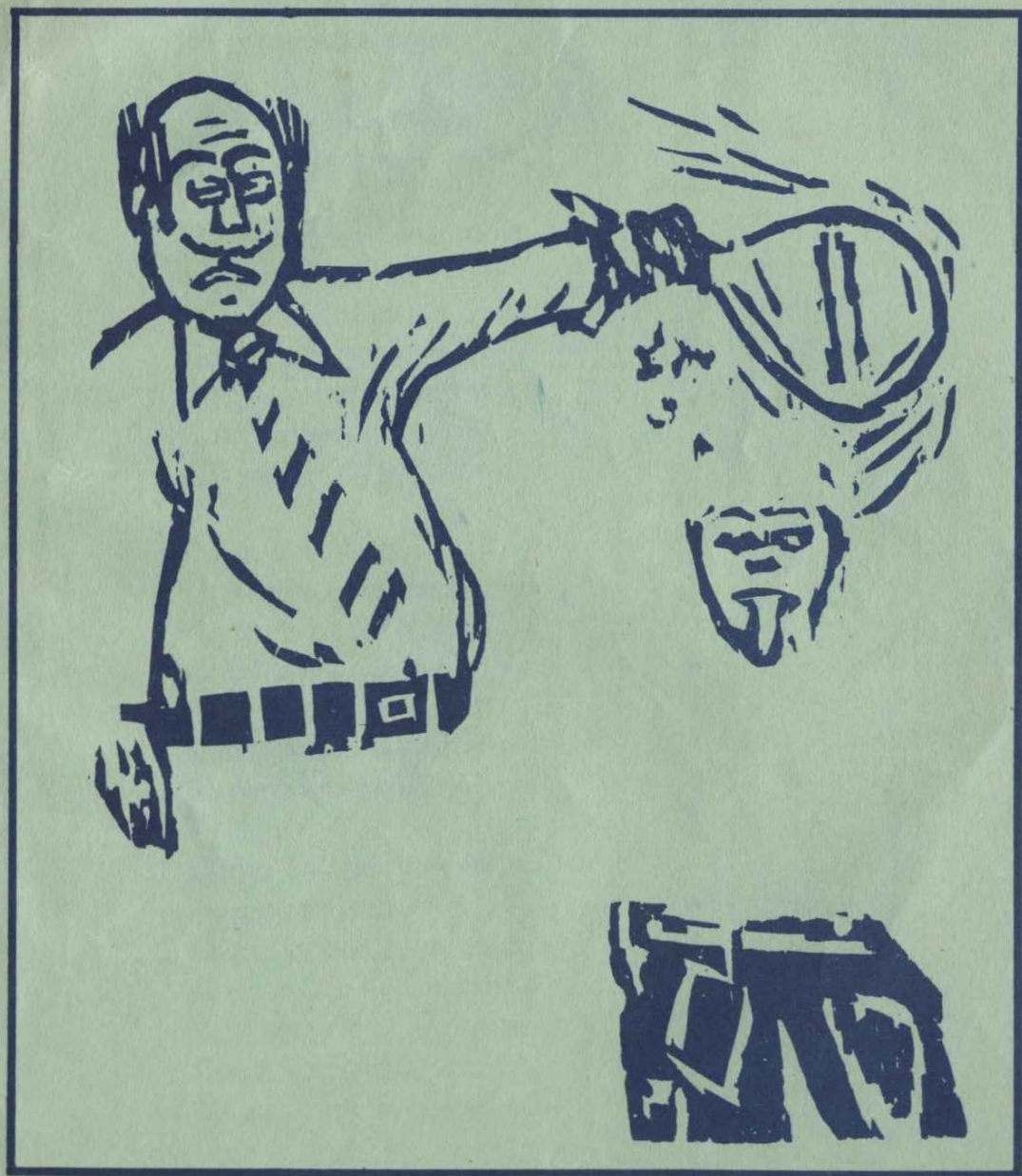


Autor : JOÃO LUCAS EVANGELISTA

O SOFRIMENTO DO POVO NAS GARRAS DA INFLAÇÃO



DIREITOS RESERVADOS

1814

AUTOR: JOÃO LUCAS EVANGELISTA

O SOFRIMENTO DO POVO NAS
GARRAS DA INFLAÇÃO.

Leitores prestem atenção
Que vou falar pelo povo
Vou levar nossa mensagem
Ao presidente novo
Que o Brasil tá sufocado
A gente está apertado
Igual um pinto no ovo.

Neste verso eu vou mostrar
A nossa situação
Do rico, o médio e o pobre
Qual é sua posição
Todo mundo no estrovo
O sofrimento do povo
Nas garras da inflação.

Porque o poeta é
Um homem de todo meio
Adora o que é bonito
Repugna o que é feio
Elogiando o direito
E criticando o malfeito
Se agrada o povo não sei.

Como cidadão honrado
Ao povo eu sou fiel
Como poeta eu mostro
A memória de cordel.
Para escrever meu empenho
Como jornalista tenho
Meu canudo de papel.

O Sofrimento do povo

Não posso ficar calado
Vendo um sentado num trono
Outro debaixo da ponte
Como um cão no abandono
Quem se doer se aguenta
Que a carapuça acenta
Bem na cabeça do dono.

Porque o nosso Brasil
Está prá se demolir
Se o homem não tiver força
Para lhe reconstruir
Não se pode esmorecer
O que nós vamos fazer
Depois que ele cair?

Agora chegou a vez
Da nossa compreensão
Colaborar com o governo
No combate a inflação
Se todo mundo ajudar
O mundo vai-se tornar
Na mais bonita mansão.

Mais se ninguém ajudar
Não houver compreensão
O povo vai ser torrado
Nas unhas do tubarão
A corda vai dar um nó
Porque o governo só
Não pode fazer verão.

João Lucas Evangelista

Quanto mais o tempo passa
Aumenta a poluição
Assalto roubo e miséria
Intriga e perseguição
Parece até um azar
Ninguém não pode escapar
Das garras da inflação.

O sufoco é em geral
A pobreza é quem mais sente
O grande faz a desgraça
Quem paga é o inocente
O sofrimento é profundo
Pois só se vê neste mundo
Ladrão com cara de gente.

A fome vive matando
Gente no mundo em geral
Muitos que consultam o médico
Ele diz no hospital
Sua doença é fraqueza
Se alimento e com certeza
Desaparece o seu mal.

A carístia aumentando
Todos os dias do ano
Sobe o leite e o fubá
Aumenta o metro do pano
Quem é rico passa bem
O pobre como não tem
É quem entra pelo cano.

O sofrimento do povo

É muito triste contar
A fome que passa o povo
De manhã toma café
O almoço é pão com ovo
Merenda um caldo de cana
De noite pão com banana.
Aguardando um dia novo.

O operário trabalha
Dia e noite sem parar
Construindo belas obras
Para o tubarão morar
Humilhado igual um cão
Afim de ganhar o pão
Sem ser preciso roubar.

A carestia é geral
Não se tem prá donde ir
Até o frango de granja
Se danou para subir
Nosso caminho é precário
Só o peste do salário
Que dá trabalho a sair.

O café a gasolina
Já sobe quase todo dia
Transporte prá se andar
É uma patifaria
A galinha caipira
Só pode comprar quem tira
O prêmio na loteria.

João Lucas Evangelista

A carestia é tão grande
Eu não sei como é que pode
Se trabalha ganha pouco
Se pára ninguém acode
Rico ainda passa bem
O pobre como não tem
Vai ver alma de bigote.

Ninguém não pode viver
Comprando feijão na terça
No litro muito pior
Quem for pobre não se cresça
Que não pode passar bem
E se passa é porque tem
Um mondrongo na cabeça.

Sobe arroz sobe feijão
Dinheiro que dê não tem
Quem compra, compra chorando
Quem vende chora também
Doutor não está direito
Ou o senhor dá um jeito
Ou não escapa ninguém.

Do jeito que vai o mundo
Virado numa peteca
Se ver tanto cabeludo
Outro pelado e careca
Nas unhas da carestia
O cabeludo nem chia
O liso é quem leva a breca

O sofrimento do povo

E se falar em açougue
 Afim a coisa inguiça
 A tal carne congelada
 Miúdo bucho e linguiça
 Uma sujeira amuada
 Uma catinga danada
 Pobre só compra carniça.

O pobre tendo conforto
 Vai trabalhar muito mais
 Porque se a pobreza acaba
 Como é que o rico faz
 Quem vai plantar e colher
 Como é que vão viver
 Os grandes industriais.

E assim que muita gente
 Trabalha como formiga
 Planta o milho mais só dá
 Três caroço em cada espiga
 Vai terminar no buraco
 Pulando como macaco
 Com um reio na barriga.

O diabo do infrator
 Não importa com sufoco
 É cobra engolindo cobra
 O povo ficando louco
 O filho engolindo o pai
 Quem ganha muito até vai
 Danado é quem ganha pouco

João Lucas Evangelista

De ano em ano o salário
 Aumenta uma ninharia
 Enquanto os preços das coisas
 Sobe três vezes por dia
 Nas garras da inflação
 O pobre fica na mão
 Gasta toda micharia.

O comerciante pobre
 Vai prá rua trabalhar
 E deixa o filho chorando
 Esperando o pai voltar
 Trazendo o leite e o pão
 Mas na frente o tubarão
 Manda o rapa lhe pegar.

Como um cachorro que corre
 Com medo da carrocinha
 O camelô também corre
 Com a sua sacolinha
 Tem deles que até se arranha
 E o dinheiro que ganha
 Não dá nem para a farinha.

Doutor ver se dá um jeito
 Porque o caso está feio
 Procure uma solução
 Faça força arranje um meio
 Porque quem quer trabalhar
 Morre de fome e não dar
 para pegar no alheio.

O Sofrimento do povo

Será que não tem um jeito
 Prá este povo viver
 Legalizando um direito
 Sem precisar de correr
 Parecendo um delinquente
 Camelô também é gente
 Também precisa comer

Pois é uma tradição
 Desde o começo do mundo
 Que mascate vem sofrendo
 Parecendo maribundo
 Doutor quem quer trabalhar
 Sem ser preciso assaltar
 Não pode ser vagabundo.

Já que não existe emprego
 Pois todo mundo está vendo
 O povo desesperado
 Em um sufoco tremendo
 Pois só aqui no Brasil
 Enquanto morre dez mil
 Mais de cem mil vai nascendo.

Ninguém não pode viver
 Como uma caça na mata
 No meio da bandalheira
 Como Deus criou batata
 Uns com tanto outros tão pouco
 Tem gente que fica louco
 Não aguenta e se mata.

João Lucas Evangelista

O motorista de táxi
 Que leva a vida sofrendo
 Trabalhando dia e noite
 Prá todo lado correndo
 É um trabalho ruim
 Se acaba o carro e no fim
 O pobre fica devendo.

Tem dia que ele não ganha
 Prá pagar a gasolina
 Prá ter direito a rodar
 Paga logo uma usina
 Além da perturbação
 Quando sobra algum tostão
 Não dá nem prá oficina.

O filho do pobre estuda
 A noite sem ter recreio
 Trabalha o dia inteirinho
 A noite no aperreio
 Até que se desanima
 Chuta o caderno prá cima
 Deixa tudo pelo meio.

Pois se não fizer assim
 Termina no hospital
 Não dorme e trabalha muito
 E se alimentando mal
 Faz um esforço danado
 No fim sempre é reprovado
 Todo ano leva pau.

O sofrimento do povo

O tal do vestibular
 Parece até uma praga
 Uns nove mil candidatos
 Prá curto número de vaga
 No fim é uma desgraça
 Filho de rico é quem passa
 Filho do pobre é quem paga.

Outro que passa dois anos
 Estudando num SENAI
 Prá ter uma profissão
 No dia que ele sai
 Fica doido sem sossego
 Procura não acha emprego
 Por onde danado vai.

Muitos se criam jogados
 Sem pai sem mãe nem estuda
 Dentro da poluição
 Ninguém lhe dar uma ajuda
 Abraça o vício da droga
 Fuma mata assalta e joga
 Vai terminar na papuda.

Muitos vem do interior
 Abandonando a enchada
 Chega aqui não acha emprego
 Leva uma vida agitada
 Mete a cara na cachaça
 Pinta miséria e desgraça
 Vai prá vida da pesada.

João Lucas Evangelista

Assim todo mundo vive
 Num estado de clemência
 Mas se os homens da terra
 Mostrar uma resistência
 Matando a necessidade
 Ao menos pela metade
 Diminui a violência.

Nossos direitos humano
 É bom que o leitor conheça
 Chorar pedir e rezar
 Antes que o diabo apareça
 A situação é crua
 E a gente continua
 Levando pau na cabeça.

Ninguém não pode viver
 Como índio na aldeia
 Se for pegar no alheio
 Apodrece na cadeia
 Quem rouba muito é barão
 Quem rouba pouco é ladrão
 A fome tem cara feia.

A enchente que atacou
 Nossa nação Brasileira
 Foi grande a calamidade
 Da população inteira
 O castigo está na frente
 Quem não nadou na enchente
 Vai nadar na quebradeira.

O sofrimento do povo

O que foi na enchorrada
 Vai fazer falta prá gente
 Quem não se queimou na seca
 Nem navegou na enchente
 Vai chiar na carestia
 Com fome e epidemia
 O pau vai quebrar na frente.

Nesta dureza danada
 Gente vai levar a breca
 Dum lado a água carrega
 Do outro a seca sapeca
 Vamos levar grande açoito
 Nêgo pula dia e noite
 No embalo da discoteca

Em Brasília o povo mora
 A maior parte em barraco
 Todo caindo pedaço
 Cheio de rato e buraco
 Dez família num cortiço
 Parece até um feitiço
 O aluguel é um saco.

Falando em aluguel
 É uma parada crua
 Qualquer quartinho apertado
 Uma família amontua
 Paga um dinheiro assombrado
 Qualquer hora é despejado
 Fica no olho da rua.

João Lucas Evangelista

A tal de casa da SHIS
 É um chafurdo danado
 Alguns até dá sorte
 Mais outro espera deitado
 Os dentes da boca cai
 A tal de casa não sai
 Morre de braço estirado.

Tenho que desabafá
 A dor que o povo sente
 Com chuva a casa goteja
 Com sol o telhado é quente
 Com três dias que não come
 O filho chora de fome
 A mulher com dor de dente.

Ou nosso Brasil melhora
 Ou a corda se arrebenta
 Pois da maneira que vai
 Quem danado é que aguenta
 Dormir em cama quebrada
 Com a coberta rasgada
 Cobre os pés descobre a venta.

Os professores que vivem
 Trabalhando sem parar
 Leciona dia e noite
 Deles que faltam endoidar
 Pois o salário é de morte
 Só dá mal para o transporte
 Como é que vão passar

O sofrimento do povo

Pois são os mestres que dão
 Saber ao mundo em geral
 O médico o advogado
 O tenente o marechal
 Cientista e engenheiro
 Mas na casa do ferreiro
 Só tem espeto de pau.

Sofre o grande e o pequeno
 O pedestre o motorista
 O aluno o professor
 O poeta o jornalista
 A vida é uma sinuca
 Tem nêgo que funde a cuca
 Se não for um bom artista.

O nervosismo do povo
 Devido a poluição
 Ninguém entende ninguém
 Na hora da confusão
 A fraqueza é no juízo
 Se matam sem ser preciso
 É triste a situação.

Finalmente a solução
 Para acabar com o tédio
 É se unir todo mundo
 O rico o pobre e o médio
 Um ao outro dando a mão
 Demolindo a inflação
 Será o melhor remédio.

João Lucas Evangelista

Pois a inflação está
 Mesmo aqui em nosso ato
 Da indústria ao comércio
 Até o homem do mato
 Os fortes vão se engolindo
 O médio fica rangindo
 O fraco é quem paga o pato.

Então porque nosso mundo
 Vive neste desespero
 Tantos já podres de rico
 Embasemando dinheiro
 Outros de fome morrendo
 A vida toda comendo
 Feijão sem botar tempero.

Diz a profecia que
 Vai aparecer um boto
 Engolindo o tubarão
 Ele vai dar tanto arrote
 Nas águas do oceano
 Muitos vão entrar no cano
 E sair pelo esgoto.

Não é com estupidez
 Nem greve que a gente vai
 Vencer a dificuldade
 Quem em nosso Brasil cai
 Porque temos um possível
 Governo compreensível
 E Deus que é nosso pai.

O sofrimento do povo

Vou dar minha opinião
Sobre o nosso presidente
A gente nota que ele
É um homem inteligente
Em seu discurso se ouvindo
Nota-se estar sentindo
A dor que o povo sente.

O General Figueiredo
Falou eu tenho lembrança
Que vai olhar para todos
Com grande perseverança
Que o nosso governo novo
Enche a panela do povo
O Brasil tem esperança

No linguajá brasileiro
Escrevi este folheto
Mostrando o que sente o povo
Pois a vida é um espeto
Não quis agravar ninguém
O negócio é que o trem
Cada vez mais fica preto.

Ofereço este livrinho
Ao leitor camarada
Para guardar de lembrança
Que a vida é uma parada
Mostrei o que foi preciso
Só não compra mesmo o liso
Que liso não compra nada.

DO POETA PARA A REDE GLOBO
E O CORREIO BRAZILIENSE

Para a Rede Globo eu faço
Estes versos por lembranças
De uma grande Campanha
Que nos deu tanta esperança
Pelo seu calor humano
Com a promoção do "Ano
Internacional da Criança".

A Rede Globo é a líder
Do adulto ao juvenil
Dos programas culturais
Ao desenho infantil
Deu prazer ao brasileiro
De ganhar o prêmio ordeiro
"O SALUT TO BRAZIL"

Ao Correio Braziliense
Que nos guia passo a passo
Que também vem protegendo
Os rudes versos que faço
Para seu povo em geral
Ao líder da Capital
Deixo aqui o meu abraço.

É nele que se encontra
O que se deseja ter
Lendo ele todo dia
A gente ganha o saber
É obra que nos pertence
O Correio Braziliense
Dá muito gosto se ler.

AUTOR: JOÃO LUCAS EVANGELISTA

ENDEREÇO: QNG 37 - LOTE 25 - TAGUATINGA - D.F.

SNB